



MEMÓRIA E LAZER: AS MUDANÇAS NOS ESPAÇOS DE ENCONTRO GLS EM BELÉM DO PARÁ.

Amadeu Lima de Deus¹
Alan Patrick de Souza Oliveira²
Dielly de Castro Silva³
Marcos Diego Santiago da Silva⁴
Silvia Lilia Silva Sousa⁵
Zenaide Lima da Silva⁶

Resumo: Essa pesquisa tem como objetivo analisar as mudanças dos espaços de encontro LGBT, percebendo como se deu esse processo e tentar compreender a partir do estudo da memória ligada a uma geografia sensível e a experiência pessoal dos frequentadores dos antigos e novos espaços em Belém.

Palavras-chave: Memória, Homossexualidade, Lazer.

INTRODUÇÃO

¹Graduando em Ciências sociais, com ênfase em Antropologia na UFPA. Amadeu25lima@gmail.com

²Graduando em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia na UFPA. Apsso19@hotmail.com.

³Graduanda em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia na UFPA. diellycastro@hotmail.com

⁴ Graduando em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia na UFPA. sdiego62@hotmail.com

⁵ Graduanda em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia. Silvia_liliasousa@hotmail.com

⁶ Graduanda em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia na UFPA. amilzena@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O recorte feito na pesquisa busca analisar o período dos anos 90 a 2010, tendo assim, duas décadas de significativas movimentações e interações. Para tanto, é preciso estar atento a simbologia das localidades, as interações sociais e os arranjos socialmente estabelecidos nos espaços de sociabilidade.

Trabalhar com a memória de um segmento social está estreitamente ligado a certa perspectiva acerca de determinado assunto. No caso deste artigo, trata-se assim de pensar a sexualidade com um olhar crítico para poder compreender a dinâmica social dos espaços de vivência homoerótica na cidade de Belém.

As áreas de circulação em um dado momento histórico estavam escondidas, no entanto, atualmente, são bem visíveis. Hoje já se pode “falar” sobre homossexualidade pela visibilidade e contestações dos grupos adeptos do movimento LGBT.

Neste artigo busco uma discussão a respeito das mudanças ocorridas nos espaços de encontro e de sociabilidade homoafetiva. A temática a ser explorada leva em consideração questões que estão ligadas a “tabus sociais”, como sexualidade e “homossexualidade”, estando atentos a questões de sociabilidade e memória coletiva.

Ser gay em Belém no período dos anos 80 e 90 era um perigo, pois todo o cuidado era pouco, períodos de violência constante que empurravam os gays, lésbicas, transexuais e travestis para as zonas periféricas. Uma maneira de esconder o que se considerava um dos incômodos sociais.

Ir às festas, estar em grupos, ir a praça era no mínimo uma aventura. Havia aqueles que montavam em suas motos e adentravam a Praça da República armados com garrafas, paus e armas de fogo “caçando” pessoas, o desespero e a aflição eram constantes.

O movimento LGBT no decorrer do tempo toma outros formatos, a sociedade de maneira dinâmica vem aprendendo a lidar com as diferenças, ainda não é algo sólido porém vem se adequando a realidade social de nossa época.

Ser gay atualmente “tá na moda”. Todas as novelas, os programas de humor, séries entre outros, tem constantemente a presença em sua trama da figura caricata de um personagem homossexual. A mídia tem um papel fundamental de mostrar aquilo que até então não se queria ver, mas como sempre o capitalismo aposta naquilo que lhe pode gerar lucro.

A noite gay é evidente e recorrente na cidade de Belém, há uma curiosidade em saber o que é o desconhecido, essa noite já não é só para o público gay, pois muitos casais heterossexuais vão à busca do “diferente”.

A priori no artigo estão algumas imagens que identificam algumas mudanças ocorridas e as posteriores na apresentação do trabalho será mais bem explanado e discutido.

HOMOSSEXUALISMO E SUA TRAJETÓRIA

A discussão se inicia pelos frequentadores das noites gay em Belém, sendo que nem todos frequentadores são necessariamente gays. Ainda há estereótipos sobre o que é ser gay? O que se faz em uma festa gay? O que se encontrará lá? Como se fosse um mundo paralelo a normatividade social, talvez pelo desconhecimento, porém as diferenças entre locais heterossexuais e homossexuais são poucas, a não ser seu público frequentador que goza de liberdade e pode ser o que é sem ter medo de olhares incomodados.

A homossexualidade ainda não é tão bem vista socialmente e o movimento LGBT vem lutando e vem “travando uma guerra” que parece infundável, porém muita coisa já se conseguiu, reivindicações já foram atendidas por meio de muita pressão social e estudos científicos ligados às ciências sociais, psicologia e estudos clínicos onde se buscam outros entendimentos para homoafetividade.

Por volta da década de 60 e 70 teve início a luta por direitos, a militância se mostrava instaurada, ainda um pouco fraca, mas com certeza tomaria forças mais adiante em meio aos gritos de ordem.

A homossexualidade passou por uma linha cronológica desde a era medieval onde a sodomia era considerada algo demoníaco (não só a homossexual, mas também a heterossexual). O tribunal do Santo Ofício se fez presente para combater essa prática, até hoje as relações homoeróticas são condenadas por algumas segmentações religiosas. A homossexualidade é algo impensável que não há o que se discutir segundo os bons costumes da família cristã e é assim até hoje, a renovação carismática e a onda neopentecostal, demoniza e desempenha o papel de “cura” da homossexualidade.

Até a primeira metade do século XIX a homossexualidade ainda era vista como uma doença, e se assim é entendida esta passível de ter uma cura. Iniciam-se então muitos estudos clínicos desde a medicina até a psiquiatria, apontando diversos motivos

para sentir vontade de manter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, os padrões sociais passaram ser contestados há assim uma repressão muito grande com verdadeiras dizimações e matanças em massa de pessoas que se tivessem um trejeito que evidenciasse a homossexualidade. “Deste modo, as várias categorias que surgiram para “explicar” a homossexualidade, como aquelas que atribuem o desejo homossexual a certas constelações familiares, aquelas que apontam para fatores genéticos e hormonais e aquelas que propõem explicações religiosas” Peter Fry.

A mudança ocorreu e atendeu as expectativas de que lutou e luta até hoje por Direitos Humanos, os movimentos sociais protagonizaram uma mudança estrutural da sociedade, que vive uma eterna dinâmica que se iniciou na Europa por volta da segunda metade do século XIX.

Peter Fry propõe uma nova análise da homossexualidade deixando de lado o os fatores clínicos e religiosos. A proposta de Fry é entender a Homossexualidade como um fato social, e dando a antropologia à oportunidade não de explicar, mas de analisar. [...] “os padrões são bem definidos pelas expectativas do comportamento sexual ligada ao gênero, distinguindo o que é e são coisas para meninas e para meninas” Peter Fry. Segundo o autor precisam-se denotar os padrões homossexuais em uma perspectiva cultural e política.

Segundo Peter Fry “Muita gente acredita que houve um aumento da homossexualidade, mas não se pode confundir a existência de um fenômeno com sua visibilidade social. Não há evidencia nenhuma de que a homossexualidade aumentou. O que aconteceu, isso sim, é que com a gradual redução do estigma social, ela se esconde menos e se assume mais”.

“Ao sustentar a existência de uma ‘sexualidade natural’ no ser humano, o imaginário judaico-cristão dominante no Ocidente cristalizou e isolou as expressões da sexualidade, como se tais manifestações possuíssem realidades concretas. O passo seguinte foi à criação de nomenclaturas para descrever, classificar e etiquetar as práticas sexuais. Foi também em referência à sexualidade natural que surgiu a noção de normal, que, como toda norma, é um construto teórico, logo, ideológico, tributário do imaginário sociocultural no qual ela emerge. A partir daí, toda forma de sexualidade que não se encaixe nesse imaginário é tida como desviante ou patológica “(CECCARELLI, 2000).

Outro autor que esclarece e contribui com nossa construção teórica é Anthony Giddens em sua obra “A Transformação da Intimidade”, onde em meio a uma pesquisa mostrou dados de que havia muitas mulheres e homens que pelo menos uma vez tiveram alguma relação homossexual. Segundo o autor: “[...] de uma proporção muito alta de homens, assim como uma proporção substancial de mulheres, tomaram parte em atos homossexuais, em algum momento de suas vidas.” Pag23.

A sexualidade ainda é tida como um “segredo”, uma temática que foge do ordinário, porem vem sendo discutida e investigada nas sociedades modernas. A figura feminina é a que mais sente esses abalos, o tabu da virgindade, padrões de comportamento que devem ser seguidos onde há uma distinção entre “garotas descentes” e “garotas vadias”. Essa visão ainda se reproduz socialmente e está nas entrelinhas dos nossos padrões de comportamento e distinção social.

“Hoje em dia a ‘sexualidade’ tem sido descoberta, revelada e propicia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós ‘tem’, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecidas. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do *eu*, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais.” GIDDENS.

MEMÓRIAS E ESPAÇOS GAYS NA CIDADE DE BELÉM.

“Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre lembranças, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias.” Maurice Halbwachs.

A mudança nos espaços de encontro LGBT é visível aos olhos de quem viveu uma época onde era um segredo incondicional “ir a uma boate gay” e um “perigo”, pois não se sabia o que poderia encontrar no caminho e que tipo de violência se estaria passível de sofrer.

“A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal”. Maurice Halbwachs

A memória coletiva passa pelas lembranças e recordações e exprime ao que foi vivido, de maneira objetiva é percebido pontos em comuns que perpassam nas

experiências da noite gay em Belém. No imaginário reconstruído notamos alguns ambientes, restritos e sem visibilidade.

Nos guetos, lugares distantes, regiões perigosas e sem qualquer identificação. Essa seria uma descrição dos pontos de encontro gay, locais de difícil acesso com um clima tenso em seu entorno, pois havia riscos de invasores homofóbicos tentarem entrar e aterrorizar o público.

A Boate “Camaleão” situava-se na rua Bernardo Sayão no bairro do Jurunas, a “Ritos Drinks” estava em Icoaraci distrito de Belém, a Boate “Crocodilo” era na rua Alcindo Cacela no bairro da Cremação, e um clássico da noite a Praça da República no bairro da Campina todos os bairro citados por volta da década de 80 e 90 eram áreas periféricas e mau vistas, consideradas com um alto índice de periculosidade.

O perigo á caminho da diversão

“A rua, concebida como espaço público, não é como recorrentemente pensa o lugar do desgarrado e do abandonado. Enquanto espaço social, ela não pode ser compreendida tão somente pelo olhar externo que descreve o vaivém dos usuários e define direitos e deveres. O entendimento das relações que aí se desenrolam depende da compreensão das instituições e do sistema de hierarquias que definem e legitimam os papéis que neste espaço vão sendo construídos e reconhecidos”. Delma Pessanha Neves

Rua não era lugar de gay, tão pouco a noite. Nas entrevistas coletadas é unânime o perigo vivido pelos homossexuais nas noites de Belém, na década de 90, ir para uma festa requeria cuidados e artimanhas. Primeiro passo: não ir só; segundo: já ter em mente o local que se vai; terceiro: ao chegar ao local entrar logo; quarto: andar com algo cortante. Na conversa com Enildo Sousa (cabeleireiro há 20 anos no bairro da Cidade Velha), mencionou:

A gente se ligava e ia se encontrando pelo caminho... a gente formava um grupo, porque na época tinha que andar em grupo, era uma questão de segurança, na época assim... tinha que andar com uma faquinha alguma coisa cortante... alguma coisa pra furar, mas isso era pra se proteger de certas tentativa de ataques.

A violência ocorria, sobretudo, à na noite por grupos que perseguiam gays, lésbicas, transexuais, travestis e prostitutas. Grupos que são invisibilizados e abafados pelo preconceito. Usando as palavras de Francisco Vaz, um dos entrevistados (militante e um dos organizadores da Parada LGBT em Belém): “tanto as pessoas LGBT se

escondiam como a sociedade também fazia questão de escondê-los e esconder tudo, os gays , lésbicas, transexuais... Eu acho que todos se escondiam muito“ nas noites agitadas com uma pitada de perigo intolerância e desrespeito.

Andar armado era sinal de preservação física, tinha que estar pronto para todas as situações, pois ir pra noite em busca de diversão poderia ate mesmo custar a vida, pois era o preço que poderia ser pago pela diversão entre amigos.

“A gente via situações de violência, às vezes pessoas entravam de moto na praça pra bater e matar gay... jogavam garrafas, davam tiros... eu vi isso até porque o movimento teatral naquela época, principalmente, o teatro experimental era muito grande e o ponto de referência era a Praça da Republica e a gente vivia muito aquela história daquele entorno... e as travestis ficavam principalmente ali naquele perímetro da “ Assis de Vasconcelos” era onde elas faziam seus programas e nós ficávamos por ali conversando até tarde e víamos muito os homossexuais, as prostitutas e as travestis e os homossexuais, e existia uma certa delimitação as travestis e as transexuais ficavam em um ponto e povo se espalhava pela praça. E eu vi certos momentos pessoas jogando garrafas, pessoas sendo agredidas e, inclusive, um situação de tiro vi a travesti caída no chão e inclusive as outras tentavam parar os carros e os taxis ninguém queria parar pra socorrer. Era uma coisa assim assustadora mesmo, medonha inclusive, e... eles tinham que se meter no meio da rua pra parar os carros na marra pra levar pro pronto socorro... isso eu presenciei de uma forma muito desagradável e isso realmente aconteceu”.

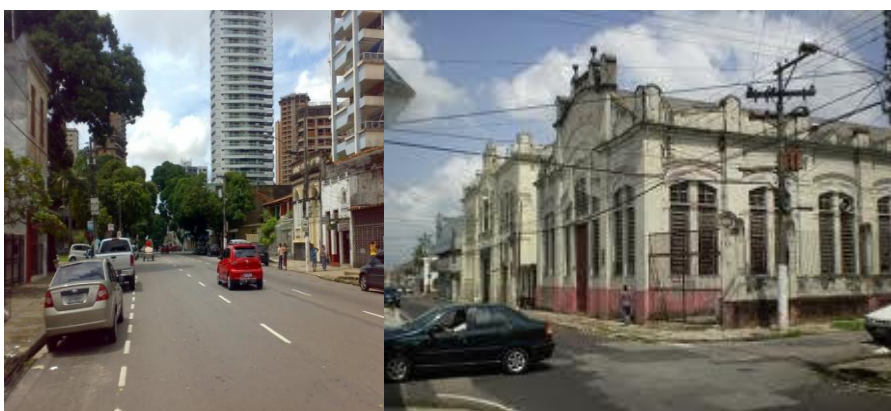
Algumas mudanças ocorrem pela coação de um grupo dominante em detrimento de outro, os frequentadores da praça foram “empurrados” para um vácuo da marginalidade social. Em algumas áreas de Belém um homossexual não poderia passar e ser reconhecido como tal. Como relata Francisco Vaz.

“A população gay tinha um pavor de passar pela Doca... era um terror passar pela Doca e ser identificado como homossexual... que podia ser até acorrentado em um poste (risos), tinha muita lenda sobre isso e acontecia mesmo, tinha a turma da “bailique” que era aqui no bairro da Campina e matavam os gays, batiam nos gays da Praça da Republica, turmas da Doca as pessoas ficavam bem isoladas e as travestis da praça foram migrando pra outros bairros pela violência”.

A intolerância vem arraigada de um ódio indescritível de pessoas que alimentam um sentimento que é capaz de agredir e matar sem qualquer culpa, isso sim seria algo a se pensar clinicamente em termos patológicos. Pessoas que realmente deveriam ter uma atenção especial com linhas de pesquisas tanto medicas como psiquiátricas.

PASSADO E PRESENTE, A NOITE GAY EM EVIDENCIA.

A “balada” começa por volta de 00:30h, muita agitação, um vai e vem constante de carros particulares e taxis. Desperta os olhares curiosos de quem não conhece o local, mas passa só pra observa o que é “estranho” e “diferente” afinal não é em todo lugar que se tem um garçom trajando nada mais nada menos que uma sunga e uma gravata borboleta. Esse é o perfil das noites gays atuais, muito em evidência e com muita liberdade.



As imagens acima mostram do lado esquerdo onde encontramos atualmente a boate “Lux Club” na Av. Senador Lemos no bairro do Umarizal próximo a bares e outras boates de classe media alta. A imagem do lado direito é a Travessa Rui Barbosa em uma área portuária do bairro do Reduto, um local não muito acessível e escondido entre os casarões antigos.

O objetivo do meu trabalho é atentar as mudanças de locais de encontros. Essas mudanças vêm ocorrendo da maneira gradativa com conquistas à dos direitos de um grupo social que vivia e ainda vive de maneira menos intensa, assolado as normas excludentes. O processo foi doloroso porem estar em evidencia de certa forma é uma conquista.

Isso não deixa de ser uma conquista... nós, assim, eu to com 46 anos e tive uma participação bem efetiva em todos esses movimentos como eu contei já pra você, e nós preparamos um caminho e a gente brinca, dizendo: “a hoje as pessoas estão aí, estão na rua mostram sua cara” (...) Se você sair perguntando” você tem coragem de assumir sua sexualidade?”, as pessoas ainda tem muito receio, muito medo, ainda sentem aquele pecado, aquela culpa em assumir a sua sexualidade, a sua identidade que é muito importante... Mas eu vejo uma população nova que inda vai ter muito caminho aí pela frente e muita transformação e ta ficando cada dia mais bonito, eu acredito em uma sociedade muito melhor e por isso que eu luto também.
(Francisco Vaz)

Os bairros de classe média estão guardando em seu interior muitos pontos de encontro gay, em meio ao Umarizal um dos m² mais caros de Belém, a boate “Lux Club” se faz presente, no bairro do Reduto a boate “Malícia” e esteve a extinta “Boca Xica”, no bairro do comercio em frente a Estação das Docas um dos pontos turísticos mais frequentados pela classe media da cidade encontramos a boate “Hache”.

A aposta capitalista no mundo gay vem dando certo e lucrando muitos com esse universo que está mais presente do que nunca. A sociedade “parece” mais branda em comparação com o passado.

Os espaços de encontros hoje já não são só para gays, o publico é bem diverso, a diversão é quase que garantida, a tensão e o medo foram sendo amenizados, porem ainda existem conflitos causados pela nossa velha intolerância.

O grupo LGBT se mostra no cenário político em busca de direitos e superação da discriminação, as paradas, marchas e manifestações têm uma intenção de militância e organização. Superar preconceitos nunca vai ser um exercício fácil, porem as políticas publica se fazem presentes para tentar amenizar os efeitos de nossas diferenças que são

alimentadas pela reprodução de desigualdades de gênero, sociais, raciais e de orientação sexual.

Quando pergunto aos meus entrevistados, o que significavam esses locais? A resposta é imediata, “Liberdade” de ser o que é!

“*Belém pra mim sempre foi uma cidade muito gay...*” (Francisco Vaz), nosso campo é propício para o desenvolvimento de estudos sobre homocultura, rico de informações e memórias vivas do que foi e o que é ser gay em Belém do Pará no contexto amazônico.

Referencias

CECCARELLI, Paulo Roberto, in *BAGOAS – estudos gays, gênero e sexualidade*. Natal, 5, 119-129, 2010

FOUCAULT, MICHEL. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro. Graal. 1997.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo. Brasiliense, 1983..

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas-* São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

PESSANHA, Delna. Os miseráveis a ocupação dos espaços públicos. Salvador, n. 30/31, p. 111-134, jan./dez. 1999.